

## QUESTÕES PRELIMINARES

Vamos prosseguir com as preliminares do Curso de Filosofia. Tem aqui algumas perguntas do Alessandro que (nós) vamos tentar responder.

*Uma pergunta bem básica, eu acho, que é mais ou menos o seguinte: nesses anos todos que você tem dado orientações e ensinado o pessoal, normalmente tem uma pergunta que volta que (aparece) é o seguinte, bom, quando alguém quer começar a estudar filosofia ele normalmente pergunta que livros eu devo ler? Pedindo uma lista de livros ou alguma coisa assim. E normalmente a sua resposta é: “bom, olha, não se trata de ler (...) não se trata de que livros você deve ler, mas se trata de outra coisa”. Eu gostaria que você explicasse, então, que (se) esse curso que você está planejando, ele, justamente, serve para explicar que “outra coisa” de que se trata (...)? Gostaria que você explicasse isso: como que você articula o material (cultural?) que as pessoas devem ler com essa “outra coisa” de que se trata no estudo de filosofia?*

Bom. Entre os temas de que trataram os primeiros filósofos, especialmente Sócrates, e aquilo que o sujeito (o aluno) pode obter numa universidade, existe uma seqüência de transformações tão grandes que é mais ou menos a distância que existe entre um animal vivo e uma salsicha. A comparação não é exagerada.

Você precisa ver que todas as questões em que Sócrates tratou, eram questões que se apresentavam a ele na vida mesmo da *polis*, especialmente as questões de filosofia política e da filosofia moral. A primeira filosofia que se constitui é a filosofia moral. As outras questões aparecem em função das discussões que foram aparecendo, que foram brotando, das discussões morais e políticas colocadas por Sócrates.

Agora, ao longo de 2.400 (dois mil e quatrocentos) anos vai-se constituindo todo um corpo de disciplinas e uma série de instituições destinadas a preservar o seu estudo. Porém, isto vai mudando o próprio conteúdo do que se estuda. Até que chega um ponto que você, quando vai entrar para a faculdade, você tem um programa já a cumprir.

Esse problema, realmente, tem pouco a ver com Filosofia. Ele tem a ver mais com a manutenção de certas rotinas didáticas destinadas a preparar pessoas para que continuem a mesma atividade. Quer dizer: é uma atividade que se auto-reproduz indefinidamente; o sujeito que vai estudar filosofia geralmente vai ser professor de filosofia.

É muito difícil você compreender a Filosofia como “disciplina acadêmica”. Ela realmente não é isso. Não é; não só nas suas origens, mas na própria maneira de focar os problemas. Tudo aquilo que, em Filosofia, não é colocado com responsabilidade total, envolvendo o próprio filósofo ao ponto de expô-lo à morte, como aconteceu no caso de Sócrates, não é realmente Filosofia.

Se você perguntar: qual é a matéria? Qual é o assunto da Filosofia? A Filosofia não tem nenhum assunto determinado; ela pode tratar de todos e quaisquer assuntos. O que vai diferenciá-la é um (certo) enfoque. Este enfoque pode ser resumido com uma palavra: é a Responsabilidade. Quer dizer: é por um senso de responsabilidade que você busca um fundamento, que você busca uma solidez maior nas respostas, que você busca uma coerência, uma integridade, naquilo que você (...) na sua imagem do mundo.

Uma imagem do mundo, todo mundo tem. O ser humano, desde o momento em que ele nasce, ele sabe que ele está num mundo. Isso já é uma coisa extraordinária, não é? Ele sabe que aquele espaço imediato no qual ele vive não é o todo. Ele sempre sabe que mais para diante tem outra coisa, e outra coisa... Então, todo mundo sabe disso. Sem nunca ter estudado.

Mais tarde quando você vai estudar Geografia, então, você vai ter uma idéia da forma física do mundo. Mas, é preciso ver que este retrato que você obtém na geografia é só um dos muitos desenhos possíveis do universo, por assim dizer. O desenho geográfico é, como o próprio nome diz, *geo graphicu*, é apenas um desenho visível: não vai te mostrar a estrutura, o funcionamento do mundo real. Ele vai mostrar, apenas, a figura física que a coisa tem, quando vista sob certos aspectos. Mas, de certo modo, uma “geografia” instintiva todo mundo tem.

A Filosofia começa meditando sobre esta imagem do mundo que você tem, com a finalidade de (torná-la) transformá-la numa visão responsável, numa coisa séria.

Esta exigência, em primeiro lugar, é de ordem moral. Por quê? Porque você, (vivendo) tendo uma imagem do mundo, é com base nela que você toma decisões. É dali que você extrai as regras implícitas ou explícitas que você vai seguir na sua conduta de cidadão, de pai de família, de governante etc.

É justamente no instante em que algumas pessoas adquirem um poder suficiente para influenciar decisivamente a vida alheia, (é) que a Filosofia se torna necessária. Você vai ver que numa tribo de índio não tem Filosofia. E nas culturas muito pequenas, não tem Filosofia nenhuma. E durante muitos milênios não houve nenhuma atividade comparável à Filosofia.

Justamente por quê? Nenhum indivíduo se diferenciou tanto da sua própria cultura e do seu próprio meio, ao ponto de poder colocar questões sobre os valores e símbolos e princípios básicos daquela comunidade. Os princípios da comunidade apareciam para o indivíduo como se fossem a própria natureza das coisas. Tanto que você não consegue, durante toda essa fase – que o Eric Voegelin chama (de as) civilizações cosmológicas – você não consegue distinguir direito entre sociedade e natureza.

Toda a concepção astrológica, ou astrobiológica, (ela) implica essa superposição do natural-social – não que essa superposição não exista; ela existe. Mas, uma coisa é essas camadas da realidade ficarem superpostas, outra coisa é elas serem a mesma coisa. Quando é que o ser humano percebe que não são a mesma coisa? Bom; uma das condições para isso é ele poder comparar várias culturas e várias situações diferentes e ver que existe uma diferença, uma incongruência, entre os vários discursos que estão ali subentendidos.

Primeiro, ele tem que transformar aquilo – as regras, princípios e símbolos – têm que ser transformados num discurso, (quer dizer que) têm que se expor verbalmente. Na hora em que se expõe verbalmente é que você percebe a incongruência. Enquanto elas estão – esses princípios, as regras costumeiras – estão embutidas no próprio mundo da percepção, ao ponto de não precisarem se expressar verbalmente, elas não podem ser examinadas, não podem ser submetidas a exame crítico. É à hora em que as crenças se transformam em discurso que surgem incongruências entre os discursos.

Estas incongruências podem surgir, ou da própria natureza dos princípios em questão, ou de algum erro cometido na sua transposição em discurso. Em todo caso, isso supõe (alguma) a possibilidade de um confronto. E é esse confronto, justamente, o que Sócrates começa a fazer. Quando ele pergunta, por exemplo, o que é a justiça? E o sujeito responde: “a justiça é perseguir os inimigos e favorecer os amigos”. Você vê que, em muitos casos, a justiça é isso mesmo. Por exemplo, quando a polícia persegue um bandido, e conta, para isso, com a ajuda da população, faz perguntas e tal, o que acontece? Existe um senso de solidariedade comunitário entre a polícia e os

cidadãos. E o ladrão, o assassino, o bandido, é visto como um inimigo dessa comunidade. Então, você não pode dizer que esta definição está completamente errada.

Ela só fica errada na hora em que você percebe que os ladrões e assassinos também têm amigos, e que eles se juntam contra nós. E que daí você tem, então, duas “justiças” opostas. Se existem duas justiças opostas, então essas duas justiças opostas já não podem ser superpostas à ordem cósmica como se fossem a mesma coisa. Quer dizer: a existência de uma ordem cósmica é um dado de experiência; quer dizer, a própria regularidade, a estabilidade da vida natural te dá uma idéia de que há uma ordem. Se a natureza fosse totalmente imprevisível nós não sobreviveríamos nela dois minutos.

Há uma série de dados de senso comum, nos quais você se apóia para a sua vida diária, e que sempre funcionam, por exemplo, geralmente você acorda no mesmo lugar onde você estava na véspera. Quando você acorda o cenário não estará radicalmente modificado, tem uma (certa) estabilidade. Você conta com essa estabilidade.

Você conta também com uma (certa) expectativa da duração das coisas. Por exemplo, você acha que você vai ficar criança durante  $x$  tempo, e que depois você vai virar uma pessoa grande... Você não espera que vá ficar criança durante duzentos, trezentos, quatrocentos anos. Você sabe que os outros passaram por isso e que você vai passar, mais ou menos, pela mesma coisa. Você sabe, por exemplo, que você vai morrer.

(De) todos esses dados de senso comum, é muito difícil você separar neles o que vem da percepção direta da Natureza e o que vem dos hábitos repassados, de geração em geração, pela própria sociedade. As duas coisas se superpõem de tal modo que a visão da ordem natural passa, também, a ser vista como a ordem do meio humano.

Porém, na hora em que você vê que existem duas justiças opostas (...) Não há duas naturezas opostas, não há dois universos opostos. Você percebe que existe um hiato, uma decalagem, uma separação, entre o mundo da Natureza e o mundo humano. Aí começam a surgir perguntas, sobretudo de ordem (as primeiras perguntas são de ordem) moral – o que é o certo, afinal de contas? O que é o certo? O que é o justo?

Na hora que você faz essas perguntas – o que é o certo? O que é o justo? – é impossível você colocar essa pergunta só na esfera da vida pessoal. Quando

ela se coloca, ela já tem uma dimensão política imediatamente. Porque você está (submetendo, perguntando) subentendendo que a idéia do justo que você está procurando é uma idéia do justo que sirva para todos os homens, para todos os membros da sua comunidade, e não só para você individualmente. Então é por isso que a primeira filosofia que surge é a filosofia política e a filosofia moral. Num primeiro momento, ainda confundidas. E essas perguntas são colocadas por causa de incongruências e dificuldades que você percebe na própria vida social.

A única maneira de você preservar essa atividade chamada Filosofia no seu sentido originário, seria você sempre partir disto. E não de um programa preconcebido. Mesmo que este programa vá repassar aos alunos todo o material técnico desenvolvido ao longo desses 2.400 (dois mil e quatrocentos) anos, esse material técnico tem uma origem, ele tem uma inspiração, ele tem uma razão de ser. E o que é propriamente filosófico nele não é a natureza dos meios técnicos; e sim a razão que os gerou.

Por exemplo, você vai lá dar um curso de lógica. Digo: muito bem; mas, por que apareceu a lógica? Por que tem que existir uma lógica? O sujeito pode ter estudado lógica a vida inteira e nunca ter pensado nisso.

Daí (que) esse tipo de ensino, que parte de um corpo de exigências curriculares já prontas – em vez de levantar os problemas a partir da vida real e da própria circunstância de ensino – pode provocar, pode ter como resultado, uma alienação tão grande, mas tão grande, que você vai ver depois alguns dos trabalhos acadêmicos, melhores e mais bem elaborados, tão roídos por dentro por uma alienação completa em relação à realidade e às próprias condições do seu exercício.

Por exemplo, eu vejo que existe uma imensa variedade de estudos sobre as lógicas paradoxais. Olhe, eu não conheço nenhuma lógica paradoxal que não se baseie na lógica de identidade. Porque senão você não poderia sequer reconhecer a identidade da lógica paradoxal.

(Porque) o sujeito escreve aqui um livro (...) “Lógica Paradoxal” (...) está aqui o livro. Eu digo: bom, como é que eu vou saber que este livro é o mesmo livro? Se eu for encará-lo pela lógica paradoxal, ele pode ser, numa hora um livro; numa outra, outro. E ele pode dizer o que ele está dizendo, ou ele pode dizer o contrário. Se eu for ler baseado nisso, eu não consigo ler.

Acontece o seguinte, (que) aí você está operando em dois níveis: tem o nível existencial, que é o nível no qual você está lendo o livro ou assistindo a aula; e tem o nível da construção mental, que é o nível no qual estão colocadas as regras e deduções da lógica paradoxal.

Esse abismo, essa diferença, pode se tornar um hábito tão consolidado, que o sujeito só consegue raciocinar quando ele se desliga da condição existencial. Ou seja, quando ele rompe com a própria raiz da atividade filosófica. É por isso que uma boa parte do ensino acadêmico da Filosofia – mesmo o melhor – acaba sendo uma antifilosofia. Você nunca vai poder entender o que Sócrates fez. Porque você vai olhar – no discurso socrático, nos diálogos de Sócrates – apenas a estrutura do argumento. Não a circunstância efetiva de onde aquilo surge.

Por outro lado, a gente tem um outro obstáculo: você não pode esquecer que aquelas pessoas que participam dos diálogos socráticos eram pessoas da classe mais culta que tinha ali em Atenas. E essas pessoas tinham recebido toda a formação de um homem público ateniense. Essa formação implicava, por exemplo, a conquista de algumas virtudes militares, o sujeito tinha um treinamento militar; o sujeito tinha uma familiaridade com os ritos da religião grega; tinha uma familiaridade com as leis da cidade; tinha uma familiaridade com todo o imaginário coletivo – através das artes, da arquitetura, da escultura, do teatro etc. Então, eles tinham um meio imaginário comum. E Sócrates sempre raciocina a partir disso.

Ora; esse meio imaginário comum – hoje – ele, ou não existe, ou – quando existe – ele é de muito baixa qualidade, não permitindo uma elaboração filosófica direta. O que molda o imaginário das pessoas, hoje? É a chamada “comunicação de massas”. E, você não pode esquecer que, no meio das comunicações de massa, os objetivos com que os vários produtos são feitos, são os objetivos mais desencontrados e freqüentemente objetivos não declarados.

Por exemplo, você está lá assistindo um filme, e você não sabe que aquilo lá é um *merchandising*, que é feito para você comprar tal coisa, ou tal outra coisa. Ou (que) pode lançar uma moda. Isso quer dizer que o fenômeno da manipulação – ou do consumidor, ou do eleitor etc. – é uma coisa tão disseminada hoje em dia, que você praticamente não pode consumir nenhum produto da cultura de massas, sem você investigar onde é que eles estão querendo chegar com isso. Senão você está permitindo que o seu mundo imaginário seja construído ao sabor de mil e um objetivos que você desconhece totalmente.

Então, (em) primeiro você não tem mais aquela unidade, aquela coerência simbólica, de uma cultura única, desenvolvida localmente, como era o caso ali de Atenas. Você tem uma cultura chamada “global”. E essa cultura global, ela é, não só toda fragmentada, mas é toda desencontrada. Tanto que você vê que, por exemplo, princípios – regras morais – absolutamente incongruentes e impossíveis de cumprir ao mesmo tempo, são impostas a você, de modo simultâneo.

Por exemplo, se você pega a mídia americana – a mídia brasileira é praticamente a mesma coisa, mas um pouco menos – ela, por um lado, ensina você que tem que haver a liberdade sexual, tem que haver casamento *gay*, que todo mundo tem que comer todo mundo, que as pessoas devem fazer sexo desde os quatro anos de idade etc., mas, de repente, pegam um sujeito cometendo adultério e destroem a vida dele, com base num moralismo atroz!

Como é possível você cumprir essas duas coisas? Você vê quando pegaram aquele governador de Nova Iorque. Claro que o sujeito era um safado, claro que ele mereceu. Mas, (...) destruir uma carreira só porque o sujeito está com uma puta num hotel? Quando isso aí é o mínimo de atividade sexual que a cultura mesmo exige do sujeito?

Veja: esses problemas você não tinha na Grécia. Então, Sócrates não teve que lidar com esses problemas. Quer dizer, ele podia partir de um meio imaginário (mais ou menos) coerente e até certo ponto saudável, e especular (diante) dentro disso. O que ele ia investigar, ali, eram contradições e incongruências – por assim dizer – “normais” da vida humana. Ele não ia partir de uma base tão problemática, tão abissalmente confusa como você tem hoje.

Então, eu não creio que seja possível você ensinar Filosofia a partir desta base. Por quê? Porque os problemas são muito toscos e muito primários e muito grossos – grosseiros demais – para que possam ser tratados filosoficamente. Além disso, você tem toda a manipulação política, publicitária etc., que vai fazer do seu imaginário uma lata de lixo.

(Pior que,) em primeiro lugar, você teria que organizar um pouco o imaginário das pessoas, fornecendo a elas símbolos que permitissem a elas integrar essas várias coisas e compreender imaginativamente qual é a sua situação real. (Porque) aquilo que você não consegue imaginar, você não consegue compreender de jeito nenhum (você não pode conceituar).

Aristóteles já ensinava isso, quer dizer, você não cria conceitos a partir de meros dados sensíveis; você cria a partir de figuras, de imagens conservadas na memória. Memória e Imaginação, para Aristóteles, são a mesma coisa.

Então, primeiro existe uma (certa) compreensão imaginária: uma coisa que você não saberia expor conceptualmente, às vezes (você) não sabe nem expor verbalmente, mas que, através de esquemas visuais, tácteis, auditivos, você mais ou menos sabe se orientar ali.

É, por exemplo, como você localizar um caminho: você vai daqui até Colonial Heights. Você não é capaz de, verbalmente, (você) repetir todas as coisas que você viu no caminho e que te servem de referência: você as conserva na memória visual; e isto é mais do que suficiente.

Então isso aí é um (certo) domínio imaginário da situação, porque você é capaz de recordar, imaginar mais ou menos a paisagem e conceber, imaginar ali, os trajetos que você vai seguir. Sem esta base imaginária não dá para fazer nada.

Como é a maneira de você organizar isso daí? É você fornecer símbolos – mais diferenciados e mais abrangentes – que permitam ao indivíduo enquadrar a experiência dele dentro de uma referência humana muito maior; mais universal, por assim dizer.

É do imaginário que sai – diretamente – a sua visão do possível e do impossível. Você sabe (perfeitamente) que tem muitas coisas estranhas que são possíveis. E têm outras que você não considera impossíveis, mas (...)

A (sua) medida do possível e do impossível, ela depende (vamos dizer) da regularidade da natureza e dos hábitos sociais consolidados. Aquilo que escapa disso aí, para você não existe. É muito difícil você conceber isso.

Eu vou lhe dar um exemplo. Se você pega qualquer cidadão contemporâneo e diz: olhe, invente aqui a vida da sua família até quatro gerações para atrás, (veja quem é capaz). (Ele) não é capaz de conceber como verossímil a vida de seu próprio pai. Por quê? Porque ele está tão sobrecarregado dessas imagens, desses estímulos que vêm do meio atual, que a própria noção de tempo, para atrás dele, some.

A noção da duração das coisas. Se você perguntar para as pessoas quando foi a Idade Média, a maior parte não sabe. Mas não é porque não estudou a História. É porque não é capaz de imaginar.

Para elas, por exemplo, o que aconteceu para os pais dela, foi muito antigamente. Se você pega qualquer garoto de 14 (quatorze) anos, o “antigamente” dele é o tempo do pai dele. Entre o tempo do pai dele e a época do homem de Neanderthal, parece que se passaram apenas dois dias: foi tudo igual. Com esse esquema imaginário, tão tosco e miserável, o que a gente pode fazer? Como é que a gente vai ensinar filosofia para essas pessoas?

A filosofia é a meditação, a análise crítica, que começa num meio (mais ou menos) culturalmente homogêneo, onde você tem um imaginário, também mais homogêneo e não totalmente inadequado à vida real.

Então, se você pega, por exemplo, o cidadão comum de nossos dias, ele não sabe qual é a ordem social na qual ele vive. Para você saber a ordem social, você precisa saber quem manda. Quem manda e através de que canais manda.

Como você não sabe isso, você substitui a idéia do Poder, pela idéia do governo. (Então, você tem aí) uma seqüência de cargos eletivos que representam, simbolizam, o Poder. Então, o sujeito vai sempre achar que quem tem o “poder” é quem está no governo.

Eu digo: mas escuta, peraí (...) para colocar o sujeito no governo, precisa de um Poder; e não foi o governo que colocou o sujeito no governo. Não é uma coisa óbvia? O poder de constituir o governo é infinitamente maior que o poder do governo; isso é a coisa mais óbvia do mundo.

Então, quem tem o poder? Quem manda? As pessoas vagamente imaginam: ah, tem grupos econômicos, etc. Eu digo: está bom, mas (...) como é que você converte o dinheiro do sujeito em poder político? Você veja: um banqueiro (...) não pode mandar prender ninguém. Ele tem um montão de dinheiro, mas ele não pode mandar prender ninguém. Para isso, ele precisa ter os instrumentos de governo na mão. Como é que ele os obtém?

Eu me lembro, por exemplo, que nos anos 60, tinha um estudo chamado “A Elite do Poder” de um sociólogo chamado C. Wright Mills, um sujeito esquerdista pra caralho (...) esse estudo é cheio de furo (...)

Mas – nos anos 60 – ele teve para mim a vantagem (de) que ele me mostrou que existe uma estrutura do poder, que não se identifica com a estrutura do governo; aonde você tem, não somente grupos econômicos, você tem instituições religiosas, você tem grupos de amizade, grupos de juventude, grupos de referência, você tem as amantes dos políticos, que desempenham um papel no governo... Você tem uma rede imensa de instâncias que determinam o curso das coisas, onde o governo é uma casquinha, você tá entendendo?

Então, aquilo é a estrutura da Sociedade. Ora, entre os interlocutores de Sócrates, todos sabiam a estrutura do Poder em Atenas. Eles sabiam quais eram as famílias importantes, quem mandava, (...) quem tinha possibilidade de ocupar tal ou qual cargo. Eles sabiam tudo isso. A sociedade deles, para eles, era transparente. E por isso mesmo, Sócrates podia argumentar com eles de maneira que eles compreendessem.

Notem, o importante não é que as pessoas tenham a informação. O importante é que tenham a imaginação correta. (Porque) tudo o que se passa na sua sociedade você jamais vai saber. É preciso que você tenha esquemas imaginários que permitam abarcar facilmente o que está acontecendo de fato.

*É possível dizer que a sociedade, na época de Sócrates, a disparidade entre as pessoas mais simples e as pessoas mais cultas, ela tinha (...)?*

Era menor.

*Era menor do que hoje, então era mais fácil entender também quem (...)?*

Claro. A estrutura social de Atenas era transparente para todo mundo. Desde o camponês até o governante. Claro que podia ter um ou outro detalhe que as pessoas ignorassem. Mas eram detalhes. A estrutura do conjunto era perfeitamente visível; hoje não é. A estrutura social, hoje, é invisível.

Tem aquele famoso teste, que o Meira Penna fez com os alunos dele na universidade de Brasília. Ele perguntou: a que classe social vocês pertencem? Ninguém sabia. E, no entanto, são até capazes de falar de “luta de classes”.

Se a Filosofia é uma meditação que você faz a partir dos dados gerais da sua cultura, então (a primeira coisa que você tem que) a primeira condição é

que você consiga enxergar essa cultura como um todo, para daí (...) não em todos os seus detalhes, evidentemente, mas pelo menos como um (...) que tenha uma forma para você, uma forma identificável para você e que esta forma, mais ou menos, coincida com a realidade. Sem isso não é possível começar a investigação filosófica.

Agora, se você começa a dar técnicas filosóficas, e a História da Filosofia (...) no meio dessa confusão, todo esse material vai ser apenas mais um componente da confusão. Por isso (é que eu) acho que eu fui muito afortunado, mas muito afortunado, de começar os meus estudos pelo lado literário. A primeira coisa que me interessou foi a Literatura, especialmente a literatura brasileira.

E, quando chegou a um ponto em que eu tinha lido a literatura brasileira praticamente inteira, em todos os seus elementos principais, eu vi que, a partir dali, eu conseguia imaginar a sociedade. Com exceção de alguns tópicos que não tinham sido tocados nessa literatura, mas que a gente podia imaginar como objeto de romances possíveis: temas que não tinham sido explorados pela literatura, mas cuja falta aparecia (...) quando confrontado com a bibliografia existente, você reparava a falta daqueles elementos, então você podia obter, de certo modo, uma visão da sociedade brasileira a partir da sua Literatura.

Eu posso dizer que eu tinha isso – aos (há uns?) vinte e um, vinte e dois anos – eu tinha isso já inteiro na minha cabeça. Isso quer dizer que eu era capaz de pensar filosoficamente sobre aquilo sem nunca ter estudado Filosofia. E foi mais ou menos por essa época que eu comecei a me interessar pelo lado filosófico.

*Olavo (...) por um lado (...) você se refere que um dos inícios da filosofia, da meditação filosófica, é você ter feito pelo menos um mapa da sua própria ignorância, não é?*

Sim.

*(...) mas para você fazer o mapa da própria ignorância, você tem que ter meios verbais de você dizer o que você sabe, o que você não sabe...*

Às vezes você não tem esses meios verbais.

*Quer dizer, está muito próximo do processo de dar nome às coisas...*

Sem sombra de dúvida. Ensinar a pessoa a falar.

*Então, nesse sentido, essa primeira abordagem do curso é quase isso: olhe, eu vou ensinar...*

Ensinar você a falar. E isso (vamos dizer) a função das Letras é exatamente essa: ensinar as pessoas a falar. Por exemplo, você entra numa sala e diz: olhe, você vai dar o nome de todos os objetos que tem nessa sala. Noventa por cento das pessoas não são capazes. Agora, a função da Literatura é exatamente essa: permitir que o sujeito conheça o mundo do possível. Conheça e possa expressá-lo.

Aí me veio uma coisa de Leibniz – Leibniz disse uma maravilhosa – ele disse: “o sujeito que tivesse visto mais figurinhas, mesmo de coisas inexistentes, saberia mais do que os outros”. Por quê? Porque o imaginário dele está (...) e dentro do imaginário, pode caber o real. (Por) isso ele sempre sabe, mais ou menos, onde colocar as coisas.

Também você tem aí o problema da memória. O que é a memória? Memória é você associar dados da Realidade com dados imaginários. Então, o imaginário é um mapa, dentro do qual você coloca os dados reais. Então, o primeiro passo para o estudo da filosofia é reconstituir a sanidade do imaginário. A sanidade e, portanto, a expressividade do imaginário: ensinar as pessoas a falar.

Os cursos de Letras fazem isso também? Não. Por quê? Porque eles vão tomar as obras de Literatura, não como experiências imaginárias que você vai fazer, mas vai tomá-las como objeto de estudo e de análise. Aí dançou. Aí saiu outra coisa. Quer dizer, é sempre essa coisa de querer pular direto de um imaginário tosco para um conhecimento científico. Isso é impossível.

É por isso que você vê, por exemplo, um cara como o doutor Richard Dawkins – que é (um sujeito que) um dos caras que mais entendem de Biologia no mundo – ele acredita em deuses astronautas. Não é porque ele não estudou Biologia; é porque a formação do imaginário dele está tosca, está errada. Uma pessoa com um imaginário bem formado entende que um deus astronauta é apenas uma criatura biológica como qualquer outra. E que você atribuir a origem da vida a um deus astronauta é você dizer que “a origem da vida é a origem da vida”. Não disse mais nada além disso. Quer dizer: isso não é uma resposta.

*O que você chama de um imaginário bem formado seria a capacidade da pessoa identificar os planos de realidade das coisas, de saber...*

É. As dimensões disso. As dimensões vivas do possível e do impossível. É o senso do possível e do impossível.

*Não é aleatório, é uma coisa...*

Porque daí é que (você) vai sair a segunda etapa, que é o senso da verossimilhança. Hoje em dias as pessoas (...) por exemplo, quando você estuda Literatura – estuda a arte do Romance – um dos elementos fundamentais ali é a verossimilhança. Quer dizer, as histórias têm que ser contadas de maneira que o leitor acredite.

E você percebe, você estudando, por exemplo, como é que você (...) como é que tal ou qual autor produziu uma impressão de verossimilhança em você – você recordando isto – na hora (em) que você leu (...) “não, na hora eu li, eu senti, eu acreditei como se estivesse vivendo”. Como é que ele fez isso? Não a técnica literária que ele usou. Mas o impacto que teve na sua imaginação. É um problema, não de conhecer estudos de Literatura, mas de estudo em si mesmo: por que eu acreditei nisso na hora em que eu estava lendo?

Você veja que a verossimilhança literária, ela tem algo a ver com a verossimilhança no sentido real da coisa. Quais são os padrões de verossimilhança que são (...) que você aceita? Verossimilhança significa o seguinte: é a primeira impressão em que você acredita, ou não. Você veja que a quase totalidade das coisas que aconteceram no Século XX foram inverossímeis; as coisas importantes do Século XX...?

Por exemplo, se você dissesse, no ano de 1944, você dissesse: “olhe, daqui a um tempo, vai ter uma bomba que (explode) some com uma cidade inteira”. Ninguém ia acreditar. E a bomba já estava praticamente feita. Você está entendendo?

Se, quando terminou a primeira guerra, que morreu vinte milhões de pessoas, você dissesse: “olhe; daqui vinte anos, vai ter outra, que é o dobro dessa”. Ninguém ia acreditar. Então...

Se vocês chegassem para os judeus na Alemanha, em 32, e dissessem assim: “olhe, vão matar vocês todos”; nenhum acreditava. Como, de fato, não acreditou.

Então, o Século XX foi feito de uma sucessão de acontecimentos inverossímeis. Mas era inverossímil para todo mundo? Não. Era inverossímil para a maioria das pessoas. Mas, para quem sabia o que estava acontecendo, por exemplo, o cara que estava trabalhando num laboratório, fazendo a bomba atômica; não é possível que ele não acreditasse em bomba atômica. O Himmler – que estava lá planejando a matança dos judeus – não é possível que ele não acreditasse em matança de judeus. Quer dizer: o personagem envolvido, acredita. Quem não acredita é quem está de fora, que é a quase totalidade das pessoas. Então...

A sucessão de acontecimentos inverossímeis mostra que a população mundial está totalmente despreparada para tudo aquilo que aconteceu. Sempre esteve. Sempre acontece o inverossímil. Depois que aquilo se torna conhecido, depois que tem o fato consumado, então aquilo entra no chamado “mundo do real” e já não parece inverossímil porque já aconteceu.

Por exemplo, quando você vai sondar para onde vai a sociedade, o que vai acontecer e tal... Você precisa ter um senso do verossímil e de inverossímil extremamente apurado. Você não pode seguir a verossimilhança da maioria. Porque a maioria sempre vai errar.

Por outro lado, quando você rompe com o senso de verossimilhança da maioria, você pode entrar numa imaginação delirante. Justamente porque, vamos dizer, você não tem o imaginário bem formado. Está compreendendo?

Então quer dizer: um dos primeiros passos para preparar a pessoa para o estudo da Filosofia é restaurar esse senso do imaginário. Então você (...) a restauração desse senso do imaginário é também a (...) não é só isso, mas é você saber quais são as possibilidades humanas.

Você não tem a medida exata do ser humano se você não conhecer – se para você não for verossímil – nada além da mediocridade do seu meio e da mediocridade das pessoas que você conhece.

A maior parte das pessoas é incapaz de imaginar maldade além de um certo ponto e, também, bondade além de um certo ponto. Se você pegar (...) a psicologia de um Stalin ou de um Hitler, é impenetrável para as pessoas. Mas a psicologia de um santo, também é.

*A escala das misérias e...*

Então, você estava me perguntando, uma obra importantíssima para ler: toda a obra de Georges Bernanos.

Georges Bernanos é um dos poucos escritores do Século XX que pega toda a gama: vai desde o mal até a santidade. Tudo. Você, através da literatura, você começa a conceber como é possível. Por exemplo, no livro "Diário de um Pároco de Aldeia" (...) é a história de um santo. Um santo que não sabia que era santo, evidentemente. Então você vê como isso é uma possibilidade humana.

Então, à medida que você aumenta a dimensão do seu imaginário, você aumenta a sua própria dimensão. Ao ponto de que, se você adquiriu essas coisas, você se torna pessoalmente incompreensível para uma pessoa que não tenha o mesmo padrão de verossimilhança. (Esses) não podem entender o que você está fazendo.

No meu caso, por exemplo, só basta isso, para você entender porque tantas pessoas têm uma obsessão com a minha vida, essas duas mil pessoas que ficam usando esses *sites* da *internet*, ciscando, querendo imaginar, investigar cada coisinha... Com sempre tudo errado evidentemente. Mas o que é? Eu me tornei uma obsessão para eles.

Por que isso acontece? Porque o imaginário dos caras não consegue ir (...) tem um personagem chamado Olavo de Carvalho, que não cabe dentro do imaginário deles. Eles têm que (...) estão fazendo o possível para imaginar...

Para me imaginar, você precisaria conhecer muitos personagens de ficção. E muitas biografias de filósofos. Daí você pega (e você) vê o que é Olavo de Carvalho. Mas você não tem isso; então você não faz. Não houve o trabalho de formação do imaginário. O que acontece é que, confrontado com um acontecimento que você não entende, você começa (...) você cria monstros. E você vive numa atmosfera francamente psicótica.

*Essa coisa da escala da imaginação (...) ela me lembra aquela classificação do Frye (...) dos poderes dos personagens. Num certo sentido, o imaginário, não só está desorganizado e caótico, mas ele também tem uma vertical...*

Sim, também tem (...) as camadas da personalidade, no fim das contas. Está entendendo?

Se você for ver as doze camadas da personalidade; o estudo da filosofia só é possível a partir da sétima camada. Sétima camada é aonde você é um cidadão. Você sabe quais são os seus deveres para com a sociedade. Você não foge deles. E você é capaz de julgar o outro pelo mesmo critério com que você julga a si mesmo.

Isso eu sei que no Brasil é impossível. É quase impossível. Porque para você julgar um outro como você julga a você mesmo, precisa se imaginar dentro dele. Você precisa vestir a camiseta do sujeito e saber como ele está vendo as coisas.

Para isso você precisa se desidentificar de você mesmo, por certos minutos, e estender ao outro o máximo de simpatia que você possa, como se você fosse ele mesmo. Isso aí já é impossível para a quase totalidade das pessoas. Isso quer dizer que, tudo aquilo que elas não gostam, que elas acham feio, elas acham que é impossível elas fazerem.

Claro, tem coisas que você percebe serem impossíveis – certos crimes hediondos, por exemplo – você não consegue esticar a sua imaginação ao ponto de você se imaginar cometendo aqueles crimes, porque você não consegue participar daquele estado de espírito. Mas tem uma gama imensa de condutas humanas, muito diferentes das suas e até opostas às suas, que são perfeitamente imagináveis. Mas, no meio brasileiro (...)

Continuando: por experiência, eu vejo que, no Brasil, a faixa de verossimilhança das pessoas é muito pequena. E, como a faixa de verossimilhança é pequena, elas só conseguem sair dessa faixa quando vão pro delírio. Para a fantasia mórbida mesmo; aí conseguem.

Se você não tem a medida das possibilidades humanas, tanto no sentido horizontal, como vertical (...) não tem como você nem começar a discutir problemas filosóficos. Você vai construir esquemas raciocinantes em cima do Nada.

Essa coisa das cinco classes dos heróis da ficção de que falam o Aristóteles e o Frye... Quer dizer: primeiro, o personagem é um deus; no segundo, é como um (ser) mortal, semideus; no terceiro, ele é um herói; no quarto, ele é uma pessoa comum; e, no quinto, ele é um incapaz.

Eu vejo, no Brasil, o número de incapazes que eu conheço é muito grande. (De) pessoas que são socialmente indefesas. Que (sempre) estão dependendo de

uma proteção; é muito grande. Claro, às vezes pode acontecer de uma pessoa estar numa situação dessas por uma coincidência. Mas, em geral, é por incapacidade mesmo.

Como é que nós podemos nivelá-los às discussões de um cidadão ateniense? Aquelas pessoas todas já tinham estado na guerra, eram pessoas que tinham posição na política, tinham responsabilidades (...) então aí é aquele negócio do *spoudaios*: tem que ser um homem maduro.

Então, nós temos que: primeiro, favorecer o amadurecimento das pessoas, através do trabalho do imaginário. Segundo, dar-lhes os instrumentos expressivos para que elas possam expressar a sua experiência real, e não apenas os esquemas verbais já consolidados.

Porque, quando você não sabe dizer o que você está vendo, está sentido, está experimentando, você diz outra coisa. Que, na sua cabeça, se parece com aquilo. Mas, que na realidade, não é aquilo. Por isso que eu digo: nós, no primeiro ano, nós temos que dar uma (...) não é uma formação literária, não se trata de estudar Letras, que é outra perversão também. Mas, de ensinar o sujeito (...) a abrir o imaginário a partir da situação real dele.

Olhe, tem duas coisas que eu me lembro, que quando eu era muito jovem, eu li, assim, de passagem e deixaram um impacto definitivo para mim.

O primeiro era um livro de História dos Estados Unidos – um livro usado no ginásio (aqui), no secundário – em que o professor montava a situação da História americana e daí fazia o aluno se colocar na posição dos personagens e dizia: o que você faria nessa situação? E eu vi que, uma pergunta como aquela, jamais se colocaria numa escola brasileira. Quer dizer: os personagens da História mesmo, que eram mostrados como personagens reais (...) mas como estereótipos apenas. E que você nunca ia entender aquilo. É impossível entender.

E a segunda foi quando eu li um livro do Ortega y Gasset. O livro chamava, exatamente, “O Que é Filosofia?” – *¿Que és Filosofia?* – e ele, admiravelmente, começava o livro investigando a situação real do momento. Diz: isso aqui é uma aula e vocês são estudantes. O que vocês vieram fazer aqui? E daí começava a investigar a situação existencial de ser um estudante, de ser um estudante naquele lugar.

Olhe; essas duas coisas são apelos à percepção da realidade. E se existe uma coisa que as escolas normalmente não fazem é chamar a pessoa à percepção da realidade.

Aqui ainda faz um pouquinho, muito menos do que antigamente. Porque a escola piorou muito aqui. Mas, no Brasil, nunca vi jamais.

(Isso quer dizer que) dá uma impressão assim: só é matéria curricular o que não tem nada a ver com a existência real. É proibido. A existência real não pode entrar na escola brasileira, é proibido. Porque dá a impressão de que você está matando aula.

Isso quer dizer que o mundo curricular é um mundo à parte. E você tem que se submeter àquelas regras. Eu digo: mas isso aí é destruir a inteligência, isso é matar as pessoas. Eu não vou fazer a mesma coisa no meu curso.

Por isso mesmo, durante um bom tempo, eu calculo pelo menos um ano, a ocupação vai ser ler o maior número de obras de ficção possível e procurar se identificar com as personagens. Para você poder ter uma visão mais ampla das possibilidades humanas. Sem isso não dá pra fazer.

Depois, nós podemos passar para uma segunda etapa – que é um exame do meio social, cultural, real, onde as pessoas estão. E, a partir dali, as questões básicas da filosofia surgirão por si mesmas. Deu pra entender? Tem mais alguma outra pergunta?

Acho que nós podemos parar por aqui, porque a turma...

*É, acho que a gente está...*

O resto, a gente faz noutro dia, se precisar. Eu queria fazer umas cinco ou seis gravações introdutórias, que todo mundo tem que ouvir antes de começar o curso, está entendendo? Então... Outro dia nós teremos mais uma...